



Manifestações neozapatistas

Estudo examina as formas de interação entre os net-ativistas, as redes digitais e a territorialidade

Juliana Sayuri

Muitos textos foram escritos sobre as passeatas de junho de 2013 no Brasil, especialmente em relação ao teor político, à legitimidade e à importância histórica dessas manifestações. Enquanto alguns intelectuais foram surpreendidos por sua dimensão, outros viram nas ruas uma expressão altamente simbólica das articulações do “net-ativismo”. Esta é, a propósito, a expressão-chave de um estudo sob o tema apoiado pela FAPESP, *Net-ativismo: ações colaborativas em redes digitais*, liderado pelo sociólogo italiano Massimo Di Felice, coordenador do Centro de Pesquisa Atopos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

O trabalho, impulsionado pelo caráter internacional do net-ativismo, teve a colaboração de três sociólogos europeus: Michel Maffesoli, fundador e diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano da Universidade Sorbonne, em Paris; José Bragança de Miranda, do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem da Universidade Nova de Lisboa, e Alberto Abruzzese, do Núcleo Italiano de Midialogia da Universidade Livre de Língua e Comunicação, em Milão. Os três, aliás, e mais Pierre Levy, participaram de 6 a 8 de novembro passado do congresso internacional sobre “Net-ativismo, redes digitais e novas práticas de democracia”, na ECA-USP, cujos textos principais deverão estar reunidos em livro no final deste semestre.

A máscara Anonymus foi um dos símbolos das manifestações do exterior usados pelos que não queriam mostrar o rosto



Protesto no Congresso Nacional em junho de 2013 contra gastos na Copa, corrupção e por melhorias no transporte, na saúde e educação

Enquanto debatiam a montagem de um observatório internacional sobre o net-ativismo, Di Felice e colegas encontraram numerosas analogias, especialmente de forma, entre os novos modelos de participação nas redes digitais, entre 2011 e 2013. “Embora fossem surpreendentemente parecidas as reivindicações”, observa ele, os pesquisadores optaram por analisar as características das formas de interação entre os ativistas, as redes digitais e a territorialidade. Ou seja, em vez das motivações e dos argumentos políticos, “o que norteou a pesquisa foi a descrição das interações nessas manifestações e a amplitude de sua localização”, acrescenta.

Antes, portanto, da efervescência política e cultural estimulada por diversas mobilizações nas redes e nas ruas, dentro e fora do eixo Rio-São Paulo, o sociólogo já tinha dado seus primeiros passos na investigação do potencial do ativismo articulado nas redes. “O início do estudo foi inspirado por meus percursos, que me levaram a investigar na década passada as formas de conflito na América Latina”, conta Di Felice. A princípio, o pesquisador se dedicou ao movimento zapatista, no México de 1994, que inaugurou o primeiro modelo de protesto global com cartas espalhadas na internet. “Em qualquer canto do mundo, todos os movimen-

tos atuais encontram o zapatismo como movimento inspirador. Foi um marco. O rosto coberto dos *black blocs* e dos Anonymous vem dos zapatistas, assim como a recusa da luta pelo poder, a aversão às tradicionais bandeiras ideológicas e aos partidos políticos de qualquer tendência e a possibilidade de criar uma comunicação própria, como alternativa às mídias oficiais. Esses elementos já se encontravam todos no zapatismo”, diz.

A pesquisa de Di Felice identificou três momentos distintos para o ativismo digital. Primeiro, na década de 1990, o desenvolvimento de movimentos internacionais temáticos, com a difusão de ativismos em redes centralizadas, e de movimentos teóricos da estética na Austrália e na Índia, que pretendiam criar estratégias de ações com os chamados *tactical media*. Sua atuação se dava nas artes e na política com a busca de táticas inovadoras de intervenções, com rápida ramificação internacional. Um exemplo é o surgimento dos protestos digitais do movimento Cyberpunk.

No segundo momento, ainda na década de 1990 e começo dos anos 2000, Di Felice assistiu aos desdobramentos da fase indígena e cibernética que encontrou expressão na luta zapatista e inspirou o Fórum Social Mundial. Assim vieram as

1 Protestos em Seattle, em novembro de 1999

2 Movimento Occupy Wall Street, em setembro de 2011

primeiras práticas de protesto midiático internacional, em cidades como Seattle (em 1999), Praga (em 2000) e Davos (em 2001), marcando a experimentação das primeiras formas de conflitualidade, levando, com a internet, a ação social para dimensões planetárias.

Por fim, o terceiro momento ocorreu a partir de 2000 e alcança o presente. Nele, o pesquisador destaca um novo ativismo, que, em muitos casos, provocou processos radicais de transformação – como no caso da Primavera Árabe, com a derrocada de regimes no Egito de Hosni Mubarak, na Líbia de Muamar Kadafi e na Tunísia de Zine el-Abdine Ben Ali – e o surgimento de novos movimentos, como o 5 Estrelas-M5S, na Itália (2009), o #YoSoy132, no México (2012), os indignados do M15, na Espanha (2011), e o M12M de Portugal (2011). Sem esquecer o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos (2011), e as jornadas de junho, no Brasil (2013).

Mas o que mudou para propiciar o boom de movimentos tão amplos e diversos? Para Di Felice, a chave está na passagem da *web* 1.0 para a *web* 2.0. Antes, a internet era uma rede de computadores conectados por *modems* e linhas telefônicas, permitindo apenas a troca de textos e de imagens. Eram os tempos



O net-ativismo é uma forma intensiva de interação na rede entre indivíduos, territórios e tecnologias digitais

das primeiras noções de cibercultura. Na década de 1990, o ciberativismo era considerado uma modalidade de ação política direta de base, marcada pela difusão de informações na rede a fim de boicotar o consumo e realizar ocupações e protestos relacionados aos direitos humanos, civis e ecológicos.

Agora, com o avanço tecnológico e o advento das redes sociais digitais, a internet se tornou uma plataforma plural e conflitiva, com mobilidade e agilidade, facilitando o intercâmbio e o compartilhamento não só de textos e de imagens, mas de outros formatos multimídia. É possível dialogar, criar redes temáticas, trocar conteúdos e buscar soluções de forma colaborativa em tempo real. De acordo com Di Felice, o net-ativismo corresponde a uma forma intensiva de interação na rede, entre indivíduos, territórios e tecnologias digitais. Ao contrário de outros tempos, marcados pela oposição à globalização, esse novo ativismo sinaliza uma identidade cidadã global, possível e presente nas redes digitais, com pautas reivindicatórias direcionadas à democracia, à equidade e à sustentabilidade. “A internet é uma construção coletiva. É uma rede inteligente”, define Di Felice, em entrevista realizada por Skype, conectando Roma-São Paulo.

Na mesma linha, Henrique Antoun, autor de *A internet e a rua* (Sulina, 2013) e coordenador do Cibercult, laboratório

Características do ativismo

Como atuam os grupos que reivindicam mudanças

MOVIMENTOS SOCIAIS MODERNOS

- Identidade política coletiva
- Discurso ideológico
- Objetivos políticos definidos
- Luta pelo poder
- Líderes e hierarquia definida
- Tendência à institucionalização
- Previsibilidade
- Espaço de ação: o local nacional

MOVIMENTOS SOCIAIS NAS REDES DIGITAIS

- Anonimato e ausência de identidade política coletiva
- Discurso sem ideologia
- Objetivos múltiplos
- Atuação paralela à lógica da luta pelo poder
- Formato a-hierárquico, sem líderes
- Recusa à institucionalização
- Imprevisibilidade
- Espaço de ação: o global

da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), analisa: “As redes digitais permitem que as populações experimentem as relações socioglobais e locais de modo lúdico e possam propor novas formas de trabalho, projetos autônomos e novos modos de coletividade e governança. Com o cibertivismo, a massa estúpida se fez uma multidão inteligente, fazendo o pensamento guiar as ações coletivas e submetendo a centralidade da estratégia ao descentramento das táticas”.

Nesse contexto, o estudo liderado por Di Felice, além de construir uma tipologia da ação net-ativista que caracteriza a qualidade da ação em frontal, imersiva, dialógica e reticular, indicou três características para a definição de net-ativismo. A primeira se refere à singular ecologia das ações que acontecem ao mesmo tempo nas ruas e nas redes digitais. “É uma nova ecologia, muito complexa, agregando dispositivos de conectividade, cidades, corpos e informações digitais (Big data), por meio de diferentes tipos de atores e de interações. Não há mais distinção entre o mundo ‘real’ e o mundo ‘virtual’”, diz o pesquisador. “Isso inaugura uma nova forma de cidadania que supera a esfera pública, antes possibilitada pela mídia da opinião ‘publicada’, ou seja, pela opinião difundida na esfera pública midiática. Agora todo cidadão pode produzir e compartilhar informações.” Basta pensar nas últimas manifestações embaladas pela *hashtag* #vemprarua. O manifestante está presente fisicamente na rua e, ao mesmo tempo, pode registrar e postar fotos no Facebook comentando o protesto em tempo real e expandindo assim a localidade de sua atuação. Pode gravar e postar vídeos no YouTube, mostrando realidades diferentes das propagadas pela mídia tradicional. E pode também postar no Twitter, narrando impressões pessoais sobre o que acontece na rua e na rede.

Se não há mais contraposição aparente entre o universo “real” e o “virtual”, o que dizer da diferença entre a esfera pública e o espaço privado? “Atualmente não habitamos só o território, mas também redes inteligentes”, explica. “Esse processo que começou com a eletricidade amplia-se quantitativamente com as redes digitais e os dispositivos de conexão móveis. A conexão ubíqua aos fluxos informativos



mediante dispositivos me permitem alterar a minha situação social e a minha experiência da localidade. Onde estamos e onde agimos é hoje cada vez mais o resultado de relações em redes ecológicas complexas”, comenta Di Felice.

A segunda característica do net-ativismo seria a valorização do anonimato (influenciada pelo movimento zapatista) e a recusa de uma identidade política ideológica, sintetizada num líder (recusa reverberada nos protestos no Brasil, por exemplo). Não há um centro difusor de ordens e ideias, mas uma relação horizontal entre os net-ativistas. A terceira característica seria a recusa da institucionalização, expressa na aversão a partidos políticos de quaisquer orientações, o que diferencia essencialmente os movimentos sociais nas redes digitais e os movimentos sociais modernos (*ver quadro*). “O ativismo digital possibilita a superação da velha ideia de militante, dos ativos nos grêmios universitários e nos partidos políticos. Isso se superou, pois todos nós podemos atuar nas redes digitais. Na rede estão presentes as atividades culturais, os estudos, as relações sociais. Assim, temos uma nova forma de democracia, em que o cidadão é chamado a ser cidadão ativo todos os dias – e não só na participação com um voto a cada quatro anos”, diz Di Felice.

Mas o net-ativismo está estritamente ligado ao #vemprarua? Isto é, para se realizar, é preciso estar de corpo e alma presente nas manifestações? Talvez não. “O net-ativismo não pode ser pensado apenas na dimensão do protesto ou do conflito. Há redes de cidadãos pensando soluções para diversos impasses de nosso tempo”, observa Di Felice. “A passeata é apenas a expressão visível das redes. Na verdade, o aspecto mais importante do ativismo em rede é o acesso às informações e os debates para a solução direta dos problemas através da criação de redes de inovação.” Na visão do pesquisador, “aí temos um importante papel das universidades. Elas têm a obrigação de estar nas redes e participar desse processo histórico que marca a passagem da sociedade do espetáculo para a sociedade das redes”, conclui. ■

Projeto

Net-ativismo: ações colaborativas e novas formas de participação em redes digitais (nº 2010/50999-6); Modalidade Auxílio à Pesquisa – Regular; Pesquisador responsável Massimo Di Felice; Investimento R\$ 30.267,23 (FAPESP).

Artigo científico

DI FELICE, M. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. *Revista Matrizes - USP*, v. 7, n. 2, p. 49-71. 2013.